

“O Último Animal “- Leonel Vieira filmou drama no Rio de Janeiro baseado no “Jogo do Bicho”

written by O Cidadão | 26 de Novembro, 2023



“*O último animal*”, com coprodução luso-brasileira, é um ‘thriller’ dramático rodado em 2019 no Rio de Janeiro e entrelaça linhas narrativas de várias personagens que se encontram numa só história de corrupção, tráfico de droga e lavagem de dinheiro inspirada no Jogo do Bicho.

Este jogo de apostas, criado em 1892 no Rio de Janeiro, é uma espécie de lotaria que ainda é considerada ilegal, e que inclui a figura do ‘bicheiro’, que financia o jogo e que é muitas vezes conotado com atividades ilícitas.

“*Há 12 anos, eu leio um artigo num jornal no Rio de Janeiro sobre o Jogo do Bicho, e eu não sabia da sua existência. Aquilo é basicamente a camorra italiana, o mesmo*”

funcionamento, mas à portuguesa. (...) O maior jogo clandestino de todo o continente americano. Eu acho aquilo fascinante e não sabia. E percebi o que tinha de curioso e transversal na sociedade”, afirmou o realizador Leonel Vieira, em entrevista à agência Lusa.

Na história do Jogo do Bicho, entre os ‘bicheiros’ contavam-se **portugueses emigrados no Brasil**, o que inspirou Leonel Vieira para uma das personagens de **“O último animal”**, o empresário Casimiro Alves (Joaquim de Almeida), que manobra uma rede criminosa de lavagem de dinheiro proveniente de tráfico de droga e envolvimento com donos de favelas.

“Queria uma história de cinco personagens; uma bailarina de escola de samba, um ‘bicheiro’, um ‘gringo’, um estrangeiro – que era o meu olhar –, queria um miúdo de favela e um chefe de morro”, elencou Leonel Vieira, admitindo que todas as personagens são baseadas em histórias reais.

Joaquim de Almeida explicou que participou na construção da personagem ainda durante a escrita do guião e que se inspirou em Castor de Andrade, um dos ‘bicheiros’ daquele jogo de apostas, que tinha origem portuguesa.

“Uma parte que eu gostava muito no argumento é o facto de que podes tirar o homem da favela, mas é muito difícil tirar a favela do homem. E neste caso, o mais interessante é um homem que quer sair da favela e a sociedade não deixa”, disse o ator sobre uma das personagens do filme.

Apesar de trabalhar há mais de uma década com brasileiros, Leonel Vieira admitiu que a procura de financiamento foi **“um calvário”** no Brasil, porque sentiu **resistência das produtoras** precisamente **por ser um português** a olhar para uma realidade que não é a sua.

“Os brasileiros têm dificuldade em aceitar que um português venha fazer um filme sobre a parte negra do Brasil, se bem que envolve portugueses”, disse Joaquim de Almeida.

Leonel Vieira acrescentou: *“Mostrei o filme a três ativistas negros, de favela, dos mais conhecidos do Rio de Janeiro, amigos do ator Júnior Vieira. Era fundamental mostrar a alguém que entende isto, alguém muito implicado na causa. E quando eles viram o filme, disseram que adoraram e que era muito verdadeiro e imparcial”*.

“O último animal” chega aos cinemas, quando o realizador acaba de filmar uma minissérie sobre o empresário **Rui Nabeiro** e se prepara para voltar ao universo da comédia *“O pátio das cantigas”* (2015), que se mantém **o filme português mais visto de sempre**, desde que há estatísticas sistematizadas, com mais de **608 mil espectadores**.

Questionado sobre a possibilidade de o cinema português ter atualmente espectadores que não são oficialmente contabilizados, por serem exibidos noutros ecrãs além da sala de cinema, Leonel Vieira alertou que a rentabilidade ainda está no circuito comercial.

“Eu não tenho uma preocupação que os meus filmes sejam vistos, isso já tenho há anos em Portugal. O que eu não acho bem é quando não nos pagam decentemente. E muitos ainda não são pagos decentemente, fora do circuito comercial. As salas ainda são o lugar onde o êxito é diretamente proporcional à rentabilidade”, disse.

Para Leonel Vieira, o mercado precisa de *“um equilíbrio de forças e de dinheiro”* perante uma lógica de exibição que mudou.

“O que vai acontecer com o cinema é que vai continuar e vai ser uma das janelas de exibição, mas não vai ser a principal. A principal claramente veio para ficar, que é o ‘streaming’”, disse.

OC/Lusa